

Cidade, trabalho e homossexualidade vividos: por uma história oral da alteridade gayem pequenas cidades no Brasil

Robson Laverdi, UNIOESTE-Marechal Candido Rondon

Este artigo toma para análise o relato de história de vida de um jovem trabalhador frigorífico, produzido em dois momentos (2007 e 2009), da pequena cidade de Assis Chateaubriand, no estado do Paraná, Brasil, de orientação homossexual assumida publicamente, para discutir em termos intersticiais e mais amplos: a) o sentido alternativo da história oral na tessitura de interpretações históricas sobre experiências sociais constituídas na fronteira entre a vida pública e a clandestinidade homossexual cotidiana; b) tramas do vivido no trabalho e na cidade narradas pela experiência gay num mundo de transformações, tanto no plano local, como nacional; c) a força consciente da narração individual para pensar dinâmicas dos conflitos de valores vividos e reconstituídos pela alteridade gay; d) a experiência homossexual na vida ordinária de pequenas cidades, sem a proteção do anonimato e de espaços privilegiados de sociabilidade encontrados muitas vezes nos grandes centros urbanos; e) pensar a existência do sujeito homossexual em relações e ambiências sociais, não tão somente com portadores de desejos, que o aprisiona analiticamente ao universo do individual, aos mas também como trabalhador e cidadão em suas lutas para viver material e socialmente.

Porque se eu for dar importância para o que as pessoas falam, eu nem saía de casa. É verdade, o que me move é a minha consciência. O que eu penso, o que Deus pensa de mim, pra mim, é o que importa. O que as pessoas, as outras pessoas que eu queria que me apoiassem e que aceitassem como eu sou realmente, são meu pai e minha mãe. O resto não me interessa, o que as pessoas pensam. E a vida é minha, sou eu que vivo, sou eu que faço. Eu sou uma pessoa independente, sou uma pessoa de maior. Então, acho que as pessoas tinham que abrir um pouco mais a mente para poderem aceitar as diferenças. Nós estamos vivendo no século XXI, as pessoas tinham que se colocar na realidade atual, não é?¹

Na transcrição acima, narração e consciência se constituem juntas, dando forma a uma força subjetiva toda particular ao relato concedido por um jovem trabalhador do setor agroindustrial, de 23 anos, de assumida orientação gay, que vive em Assis Chateaubriand, pequena cidade localizada a 570 km da

¹ Robson Laverdi, Entrevista com Márcio (pseudônimo), 23 anos. Assis Chateaubriand: março de 2007.

capital do Curitiba, no estado do Paraná, Brasil. Ao longo desta reflexão, vamos chamá-lo Márcio. Embora ele não tenha expressado preocupação ou restrição quanto à utilização do nome verdadeiro, preferimos o pseudônimo como forma de proteção a sua integridade física e social.

Desde que chegou a essa pequena cidade, pois é proveniente do meio rural do distrito de Paulistânia, da municipalidade de Alto Piquiri, trabalha no abatedouro avícola de uma grande cooperativa que tem se lançado com grande pulsão de investimentos no chamado mundo do agronegócio, cuja filial fica localizada em cidade vizinha [omitida] onde mora nosso entrevistado. Exceto Alto Piquiri, que está localizada na porção Noroeste do estado, Assis Chateaubriand e a cidade vizinha, onde trabalha, ficam localizadas na porção Oeste do estado.

A entrevista concedida pelo jovem Márcio foi feita na pacata Praça das Américas, localizada nas cercanias de vários bairros de periferia da pequena cidade de Assis Chateaubriand, que atualmente conta com população estimada em pouco mais de 30 mil habitantes. O contato inicial foi feito pela indicação de outro jovem, também *gay*, que vive na cidade de Toledo, o qual fora entrevistado em momento muito anterior, como parte de pesquisa mais ampla com outros jovens de orientação *gay*, em alguns casos assumidos publicamente.²

Pouco mais de dois anos transcorridos desde a produção da primeira entrevista feita com Márcio, em 2007, outro relato foi gravado em 2009. A proposta foi produzir entrevistas em momentos distintos. Tal proposição decorreu de questões trazidas pela força subjetiva de consciência social-histórica presentes no relato obtido na primeira ocasião. Cabe dizer que fomos tocados pelo reconhecimento da extraordinária riqueza simbólica que constitui a narrativa desse jovem em relação a outras dimensões da experiência social de que participa e na qual se constitui.

Entre essas dimensões, situam-se profundas transformações nas relações vividas no trabalho e na cidade, por sua vez situadas num chão mais amplo de tensões e expectativas de pertencimento que elas produzem e são produzidas nesse meio. Em razão disso, toma vulto a complexidade assumida por todo o campo de produção do relato, que adquire importância particular para reflexão histórica.

Em quase toda a extensão do Oeste do estado do Paraná, como em boa parte do Brasil, assiste-se, por um lado, a um processo desenfreado e avassalador de emprego de capitais e outras energias sociais e políticas na esfera produtiva da agroindustrialização. Os frigoríficos de abate de aves, implantados na última década, são uma demonstração concreta desse processo que, em decorrência, engendra novas dinâmicas para serem vividas. Por outro lado, uma dilacerada e atuante projeção de modos de vida urbanos são

² Robson Laverdi, *A vida “fora do armário” e outras dinâmicas envolvendo jovens de orientação homossexual masculina em pequenas cidades do Oeste do Paraná (2007-2009)* (Marechal Cândido Rondon: Projeto de Pesquisa UNIOESTE, 2007).

pressupostos para a materialização das mais diversas expectativas que para este campo de experiências são concentradas. Na prática, isto tem se materializado em deslocamentos de pessoas do campo para cidade, assim como de migrantes brasileiros retornos do Paraguai, de diferentes gerações que para lá haviam se deslocado nas últimas quatro décadas. Em relação a este aspecto, na última década, quantidade expressiva de homens e mulheres, trabalhadores pobres do campo, especialmente jovens, têm regressado ao país para se empregar nos frigoríficos recém-instalados em cidades de fronteira na extensão entre as cidades de Foz do Iguaçu e de Guaíra.

A despeito do reconhecimento público de que esta força política de progressão econômica do agronegócio articulam-se olhares de investidores atentos. É preciso dizer que estas transformações não deixam de ser marcadas por conflitos e tensões vividos como experiência social. Em relação a isso, percebe-se também como tal fato se constitui narrado num âmbito intersticial entre a posição assumida no interior da classe trabalhadora urbana em constituição e, de outra, com a constituição de identidades *gays* que encontram lastros mais amplos no Brasil das últimas décadas. De um conjunto de doze jovens de orientação homossexual entrevistados nas cidades de Assis Chateaubriand, Toledo (120 mil habitantes) e Marechal Cândido Rondon (46 mil habitantes), quatro deles haviam trabalhado ou trabalhavam no setor industrial avícola. Sem contar o caso de outros tantos que manifestaram expectativas de ingresso nesse setor.

Nesse âmbito de experimentações da ordem da realidade, há muito mais a dizer que a constatação do crescimento da atividade produtiva agroindustrial aos denominados “vocacionados” médios e grandes produtores rurais, ou mesmo à mera celebração festiva quanto à abertura de vagas de trabalho no meio urbano. Interessa discutir o sentido e a abrangência do envolvimento de jovens trabalhadores *gays*, que são também envolvidos no setor e que se veem imbricados nestas novas relações de trabalho e viveres urbanos.

Tal preocupação se constitui como articulação de reflexão histórica, na medida em que se busca não apenas perceber como estes ingressam ou vivem cotidianamente no interior e para além desse setor produtivo. Sobretudo, como lidam com preconceitos e a homofobia, que são constituintes dessas e nessas relações de trabalho e vida urbana.

Interessa discutir dimensões outras dessa experiência em marcação interpretativa do relato de Márcio à maneira de mão dupla: apreender a historicidade de como estes jovens são incorporados e assimilados como operários nessas dinâmicas de produção. Isso porque também a esses jovens não é limitado o acesso ou a permanência nessas plantas industriais, ainda que notória a compreensão corrente de ampliada discriminação aos homossexuais que vivem no campo ou mesmo nas pequenas cidades. Desse modo, buscamos apreender como a alteridade *gay* se processualiza como sentidos de pertença para *gays* e heterossexuais nestas novas relações de trabalho e vida urbana no âmbito dessas transformações em curso.

Diante do desafio de interpretação dos relatos, temos em mente que lidamos com fontes decorrentes de práticas humanas vivas, produzidas em âmbitos de experiência marcados por estruturas de sentimentos, como assim nomeia tão peculiarmente Raymond Williams.³ Às entrevistas gravadas somam-se conversas informais com trabalhadores e outros moradores da cidade, além de outras leituras etnográficas que trazem diferentes possibilidades interpretativas, situadas para além do plano da constatação das transformações produtivas que, por vezes, são repetidamente comemoradas como aquelas substancialmente capazes de dirimir contradições, que se põem nestes universos relacionais vividos entre o campo e a cidade.

Voltemo-nos à trajetória de nosso entrevistado. Filho de pequenos agricultores, Márcio foi primeiro trabalhador assalariado no campo. Contou assim, como foi a migração para a cidade:

Então, aconteceu assim: meu pai trabalhava na fazenda, meu padrasto na realidade, minha mãe, meu padrasto, então meus irmãos, eu sou irmão deles por parte de mãe. O meu padrasto é japonês. E ele trabalhava na fazenda. E eu ajudava ele, trabalhava também. Meu outro irmão também ajudava a trabalhar na fazenda. E daí, o motivo foi que o proprietário da fazenda não estava tendo lucro com a propriedade, daí ele resolveu arrendar a propriedade para plantar soja, era só gado. Daí com isso ele seria obrigado a demitir os funcionários, já que não precisava mais. Daí o meu pai também foi um dos demitidos. Daí a gente ficou sem rumo. Pois a gente ficou morando dez anos lá. Daí a gente pegou e pensou: pra onde a gente vai agora? Daí o meu pai tinha os netos dele aqui em Assis, e daí ele quis vir pra cá. E eu também, de início eu me interessei em vir pra cá porque eu imaginava que aqui, por ser uma cidade um pouco maior, eu conseguiria um trabalho de repente mais fácil do que em Alto Piquiri ou naquela região lá. Daí a gente conversou. A gente chegou a conversar e chegou à conclusão de que seria melhor a gente vir pra cá. Daí a gente veio pra cá, e estamos aqui até hoje.⁴

Cabe notar que a vivência do meio rural recordada por Márcio não foi representada com marco idealizado. É contada como espaço social em transformação. Até mesmo o grande fazendeiro, teoricamente em melhores condições econômicas, para o qual a família de Márcio prestava serviços assalariados, não sobreviveu à nova ordem que se impunha. Isto levara o patrão da época, proprietário, a arrendar as terras em outro sistema de produção, todavia de larga escala, de soja e gado, e “obrigando”, por certo, a demissão do pai.

³ Raymond Williams, *Marxismo y literatura* (Barcelona: Ediciones Península, 1988).

⁴ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

Acerca dessa argumentação narrativa de Márcio é preciso uma vista mais detida. A dispensa do pai pelo fazendeiro foi contada sem conflitos, retirando do proprietário as expensas morais pela demissão. Independentemente do modo como narrou o episódio a partir do qual indiretamente absolvera pessoalmente o patrão, na prática deixou marcado o fato de que “daí a gente ficou sem rumo”.

Uma expectativa maior parecia interpor o tom ameno atribuído à dispensa sumária pelo patrão, até porque “de início eu me interessei em vir pra cá porque eu imaginava que aqui [Assis Chateaubriand], por ser uma cidade um pouco maior, eu conseguiria um trabalho de repente mais fácil do que Alto Piquiri ou naquela região lá.” Em outras palavras, a narrativa parece não apenas considerar como motivo do deslocamento a dispensa do antigo patrão, mas também, de outros modos, a expectativa que Assis Chateaubriand assumia no horizonte de suas escolhas e de sua família. Cumpre sublinhar, no relato, a insegurança que representava uma mudança da família para a cidade. A compreensão quanto à existência de pessoas conhecidas pela família na cidade, no caso, netos do seu padraсто, a quem respeitosamente chama de pai, contribuiu muito no processo, tanto é que “daí a gente conversou. A gente chegou a conversar e chegou à conclusão de que seria melhor a gente vir pra cá”.

Na corriqueira conversa familiar, a decisão do deslocamento para a cidade impunha ao narrador um sublime afastamento daquele universo de trabalho rural. Em suas impressões, “(...) essa fase da minha vida na fazenda foi muito difícil essa convivência, porque eu me via no meio daqueles homens trabalhando. No meio de homens se fala tudo, de mulher, não sei o quê? E eu me sentia completamente perdido, totalmente”. O sentimento de não pertencimento àquele espaço lhe era remetido por uma questão crucial: “Meu Deus! O que é que eu estou fazendo aqui?”. De outra parte, a resposta cristalina: “aqui não é o meu lugar!” Para Márcio, os tempos da vida no campo e sua lida lá com outras pessoas, todos teoricamente heterossexuais, lhe impunham um convívio social perturbado por sensações de dor e novos anseios:

A vontade que eu tinha era de fugir daquele lugar. Eu não me sentia bem. Eu não me sentia feliz, não era o que eu queria pra mim. Nossa! Quantas vezes eu tentava conversar com a minha mãe e falava: – Mãe, isso não é pra mim. Nossa sempre quis ir para a cidade, para trabalhar, para ter uma vida assim diferente, conhecer gente, gente assim como eu. Onde eu pudesse ter amizade, dividir essa experiência, conviver junto.⁵

O desejo de compartilhar a vida com pessoas que lhe pudessem acrescentar a sua existência pessoal *gay* é uma constante marcação no relato

⁵ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

de Márcio. Segundo constatou, sua dificuldade consistia no fato de que, no campo onde vivia e trabalhava, “não tinha *gays*, não tinham lésbicas, não tinha. Pelo menos não aqui assumido, porque se tinha era muito escondido, porque lugar desse tamanho [gestual de pequeno] tem muito preconceito.” A dimensão representativa, a que se considerar diminuta, do lugar de chegada é rarefeito como sentido de “lugar desse tamanhozinho” recoloca em seu plano de experiência outros desafios que não se mostravam tão claros, muito menos resolvidos:

Depois que eu me mudei, na verdade aconteceu depois que eu me mudei, que eu vim aqui pra Assis [Chateaubriand], que eu conheci bastante homossexuais, daí me envolvi com alguns deles porque houve aquela afinidade. Mas não foi uma experiência, até então pra mim, com os homossexuais com os quais me envolvi, não foi sabe, uma coisa assim, que me realizou cem por cento. Eu senti que alguma coisa faltava, que até então eu só tinha me envolvido com homens heterossexuais e os que eu me relacionei aqui eram semelhantes a mim, não houve aquela afinidade. Eu senti que faltou algo, faltou alguma coisa.⁶

No relato de Márcio, além do deslocamento do campo para a cidade, assume importância a vivência de relações homossexuais, não necessariamente com *gays*, que até então pareciam estar plantadas no âmbito de idealização. Implicitamente, o relato revigora para o primeiro plano da consciência a frustração vivida em relação às expectativas quanto às outras relações pessoais que entendia como difíceis ou impossíveis de serem vividas no campo. Na prática, parece se comprometer com uma reflexão difícil sobre as quebras trazidas pela frustração que lhe impunha alguma forma de comparação e, por sua vez, de relativização quanto aos sentidos do viver urbano em sua trajetória. Parece até ironia, mas o jovem Márcio aparenta se dar conta de que o meio rural lhe preenchia a vida com melhores experiências, *gays* ou não, que a vida urbana.

Para Márcio, a cidade não fora apenas promessa, era a realidade que precisava ser compreendida, pois “muitas vezes, quase que frequentemente você sofria discriminação. As pessoas falavam, te colocavam em situações.” Pois,

Com o passar do tempo, eu aprendi a conviver, a filtrar. (...) Não fazer com que aquilo me fizesse mal. Porque, eu entendi que o preconceito sempre existiu e sempre vai existir. A gente tem que aprender a conviver com ele. Infelizmente é uma coisa, é a realidade. Existiu, existe, não é? A gente tem que aprender.⁷

⁶ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

⁷ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

A narrativa de Márcio passa a colocar em pauta uma série de situações de conflito e discriminação que vivera. Tanto em relação ao espaço de trabalho na planta industrial do frigorífico de aves na cidade vizinha ou em razão dele, principalmente em relação à rotina de transporte de uma cidade à outra cotidianamente. Uma das marcações narrativas mais contundentes que foi trazida para o diálogo foi relacionada ao viver a orientação sexual. Neste relato, chamou a atenção a uma série de situações de preconceito vividas do transporte da sua cidade até o trabalho naquela localidade:

Inclusive no ônibus que eu vou, o meu banco do lado, é até, em dois anos em maio que eu vou completar na empresa, nenhum homem senta comigo. Já aconteceu de, por exemplo: eu pego, eu sofro um pouco dentro do ônibus por causa disso. Já aconteceu de o ônibus estar cheio e ter um banco do lado vazio, o cara ir em pé daqui [Assis Chateaubriand] a [omitida], mas ele não senta comigo. Acontece!⁸

O transporte diário de ônibus constitui-se num espaço social de experimentação bastante dramático para sua vivência de trabalhador e *gay*. Para Márcio, não é nada fácil ter que lidar com essa situação, que, tal como contou, não sobram dúvidas quanto ao preconceito vivido. Trata-se da distância de mais de 40 km, o que equivale a uma hora de viagem, motivo pelo qual se mostra magoado. Tal situação não se restringiu ao transporte, mas também no interior do próprio espaço de trabalho. Em sua narrativa:

Que nem ontem, por exemplo, aconteceu um caso. Eu entrei no banheiro, daí tinha dois caras conversando. Daí o outro saiu e, no que o outro saiu, o outro já saiu atrás. Não queriam ser vistos junto comigo. Isso! Não conversam comigo, não me cumprimentam, não falam comigo. É desagradável, mas...⁹

O banheiro é espaço que faz parte do ambiente de trabalho e é narrado por Márcio. Ressente-se, assim, de não poder compartilhar esse espaço do mesmo modo como outros trabalhadores do frigorífico em função de sua assunção *gay* pública, pois o evitam. Segundo o entrevistado, “isso acontece muito.” Pois,

No setor que eu fico, eu trabalho com mais dois caras. Não tem o que conversar com eles, não tem assunto. É só questão de trabalho. Eles começam a conversar entre eles, falar de futebol, falar de mulher, falar de carro e eu fico totalmente perdido. Nossa! Eu não sei. De mim pra eles eu só converso questões formais, sabe? Não tem o que conversar.

⁸ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

⁹ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

Os assuntos não batem.¹⁰

Fica muito claro que a indignação de Márcio não é em relação ao fato de esperar um convívio marcado por relações sexuais ou afetivas homo-orientadas. Este jovem se ressentido da impossibilidade de viver sua experiência laboral em termos mais amplos, e daí ultrapassando a margem restritiva da condição de trabalhador. Para ele, o espaço de trabalho significa muito mais que o lugar para ganhar a subsistência. O trabalho no frigorífico é espaço de sociabilidade importante que, no caso denunciado, torna-se limitante à vivência integral, restando apenas conversar de “questões formais”. Falar com colegas sobre temas usualmente tidos como essencialmente heterossexuais é, na leitura desse jovem, pressão contra sua presença homossexual no espaço daquela indústria. De acordo com Márcio,

O que eu quero, não é que as pessoas me aceitem. Não é isso o que eu quero. Eu quero respeito. O fato de elas não me aceitarem como eu sou, eu queria que elas não se achassem no direito de ficar me condenando, à minha vida, o tipo de vida que eu levo. Lá no armazém onde eu trabalho, por exemplo, lá as pessoas tipo assim, me respeitam, pelo menos assim dentro da parte de trabalho, me respeitam sabe? Mas, têm aquelas pessoas que não conversam comigo, tem aquelas pessoas que quando eu passo tiram sarro, fazem uma piadinha, um comentário maldoso. Só que eu procuro nem dar importância pra isso. Porque se eu for dar importância para o que as pessoas falam, eu nem saía de casa.¹¹

A despeito do tom de desprezo para tais questões, tudo indica que Márcio se ressentido sim e muito com o preconceito sofrido, mas não o bastante para deixá-lo preso a sua casa. De acordo com sua elaboração quanto a esse processo, reconhece: “eles não me querem ao lado deles, isso é visível. Então, eu vou lá, na hora que eu chego eu troco de roupa e já saio. Na hora da janta eu vou lá, escovo os dentes, depois já saio e vou pra fila”. O relato, por sua vez, não dá conta apenas do preconceito sofrido, mas também da compreensão quanto aos desafios que sua orientação *gay* lhe impõe para conviver naquele espaço de trabalho. Neste sentido, é interessante perceber que essa convivência difícil não se restringe apenas à prática de ficar calado. Vejamos um exemplo trazido pelo jovem:

E aconteceu esse caso de o cara vir com uma revista [de mulheres] para o meu lado querendo que eu olhasse e falando: ué, você não gosta? Você tem que olhar! E eu me senti mal porque tinha mais pessoas, mais caras e ficaram rindo, ficaram zoando com a minha cara. Daí eu subi lá para o meu setor e conversei com o meu superior. Aí a gente foi

¹⁰ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

¹¹ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

conversar com o encarregado e foi resolvido naquele dia mesmo.¹²

Interessante destacar que, em relação ao acontecido, encontramos Márcio agindo não apenas no sentido de encontrar maneira mais amena de lidar com o conflito, neste caso fazendo-se oculto. Passa a contar, assim, de maneira quase dilacerada, como passou a acionar seus chefes para lidar com a agressão que sofrera. Na continuidade do relato, contou como a situação teria sido resolvida pela sua chefia que “encaminhou e resolveu e, inclusive, faz um ano que ele veio perguntar pra mim e, porque agora eu mudei de setor.” Além de contar como o conflito foi assumido e resolvido pela chefia, Márcio pareceu acentuar essa condução prestativa, tanto é que “ele perguntou se o pessoal do outro setor não está mexendo comigo, os caras.”

A princípio, podemos ficar até comovidos com a tão iminente posição que teria sido tomada pela chefia, tal como foi contada por Márcio. Mas precisamos ir além dessa rasa constatação, o que pode nos ajudar a compreender outras tramas conflituosas e transformações neste meio. Para isso, precisamos lidar com a resposta que o jovem teria dado ao chefe quanto à preocupação manifestada:

E eu falei assim: olha, acontecer, acontece. Mas, como eu não tenho tempo nem de ficar ouvindo o que eles falam, o que eles fazem. Eu nem sei que é, mas acontece sim. E inclusive falou que se eu sentisse realmente prejudicado para eu passar para ele tomar providências. Quanto a isso, não tenho o que reclamar do meu chefe, porque ele é super cabeça.¹³

Embora a preocupação de recuperar o sentido dessa posição “super cabeça”, assumida pela chefia, algo mais parece se constituir em seu movimento narrativo:

E você vai se expor? Claro, não vai. Vai ser ali particular e tal. Mas você vai estar assim, se expondo, se desgastando, aquele desgaste emocional. Aquilo vai mexer com você. Vai te fazer mais mal assim. Quanto mais você mexe, mais se desgasta, te faz mal. E você acaba deixando de lado, resolve remediar.¹⁴

Ao mesmo tempo em que levanta para o diálogo o fato de ter tido a coragem de buscar seus direitos como trabalhador, assim como de referenciar positivamente a resposta da empresa ao episódio de preconceito, o jovem Márcio denota compreender a existência de um parâmetro de possibilidades

¹² Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

¹³ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

¹⁴ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2007.

plausíveis para aquele gesto, pois “quanto mais você mexe, mais se desgasta”, levando-o a “remediar”.

A narrativa apresenta, com relativa clareza, o modo pelo qual este jovem é levado a compreender os limites de sua coragem denunciadora às injustiças vividas naquele espaço de trabalho. Até mesmo porque, como disse Márcio, este “é um caso. Isso é, porque é difícil você administrar isso”. No estabelecimento do diálogo, precisamos compreender que há também um flanco aberto pelos interesses pessoais projetados por ele para aquele espaço, pois “desde que eu entrei na empresa, eu queria mostrar a minha capacidade, mostrar que eu tenho potencial, que eu sou igual a um homem, a minha vida”. Neste momento, o jovem delimita assim suas referências de entendimento em relação ao que vive no trabalho e em sua vida sexual:

Essa questão da minha orientação sexual, eu sou gay do portão pra fora. A partir do momento que eu entrei do portão para dentro, eu vou agir como um homem, eu vou trabalhar e vou mostrar que eu tenho capacidade. Inclusive, eu faço muita coisa que muito homem não faz. Eu vou atrás, eu faço acontecer e, procuro mostrar que o fato de eu ser gay não quer dizer que eu não sou capaz de trabalhar igual a um homem, ou de, se chegar a um cargo, de repente, de responsabilidade, de decisões. Pelo contrário, eu ajo normalmente, e sempre procuro colocar que eu tenho capacidade. Eu sou um homem, não é? Lá eu trabalho como tal e procuro fazer acontecer. Mas, é meio complicado porque muitas vezes, como as pessoas já sabem de mim, todo mundo não é? As pessoas torcem o seu nariz e pensam: ah, não tem capacidade, não pode fazer. Mas, você, a cada dia, você tem que está provando que você é capaz, que você pode. Porque as pessoas são muito doentes às vezes, muito maldosas nesse sentido.¹⁵

Embora o relato de Márcio seja individual, podemos deslocar nossa atenção para alguns elementos de significação de sua experiência que não parecem reduzidas a sua individualidade, mas ao universo social vivenciado por outros *gays* na esfera do trabalho. Quais sejam: o fato de assumir para si, ainda que subliminarmente, o desafio de ser melhor que quaisquer outros trabalhadores, como uma forma de “superar” a internalização de sua inferioridade pelo fato de ser *gay*. Claro que isso não pode ser tomado como categorização sentencial quanto aos desejos mais profundos de realização profissional desse jovem. Muito menos deixar de crer que o ambiente de trabalho em questão esteja fortemente marcado pelo sentido de competitividade elevado no âmbito da gestão das atividades laborais. Todavia, o tom narrativo deixa explicitamente marcado o quanto esse dilema se faz presente na experiência de vida deste jovem, uma vez que “a cada dia, você

¹⁵ Robson Laverdi, Entrevista com Márcio (pseudônimo); 23 anos, Assis Chateaubriand: julho de 2009.

tem que estar provando que você é capaz, que você pode.” O relato, por sua vez, chama a atenção para a aura de tensão mais ampla vivida por estes trabalhadores. Tão assim, que “atualmente foi até divulgado um documento no mural. Todo mundo passou por um treinamento e que a empresa não pode discriminar ninguém. Seja por orientação sexual, é cor, religião, por opinião política ou qualquer aspecto”.

No conjunto das tensões em torno da assunção de sua orientação sexual, o panorama reflexivo de sua narração se deslinda com uma força incrível, fazendo com que Márcio talvez assumisse o papel de refém dessa situação:

Atualmente trabalho na gestão de qualidade. Tem um ano e meio já que eu então passei a este setor. Nossa! Depois que eu então passei, me senti muito valorizado, sabe? Muito é reconhecido pelo meu trabalho, pelo meu esforço, pela minha dedicação, sabe? E assim quando as coisas começam a dar certo na tua vida você se sente mais motivado, mais inteirado pra cada vez se dedicar mais. Cada vez se esforçar mais. Cada vez se doar mais, pra aprender coisas novas. E na verdade são dois lados: a vida pessoal e a vida profissional. Então, a gente às vezes tem que procurar sempre conciliar as duas, às vezes uma não anda muito bem, mas a outra está. E assim vai indo. Mas nessa questão do campo profissional, sabe? Atualmente estou muito satisfeito, sabe? Graças a Deus consegui chegar onde eu almejava e estou bem contente sabe.¹⁶

O valor assumido pela realização pessoal nas relações de trabalho aparece fortemente marcado na experiência de Márcio. Seria bastante fácil acreditarmos precisamente que o modo como se lança no ambiente de trabalho no frigorífico estaria descolada de um âmbito maior, no caso a vivência social. Somos levados, por seu turno, no entorno dos sentidos em disputa evidenciados pelo diálogo, a pensar naqueles elementos constitutivos da experiência da alteridade *gay* que adquirem, no confronto com interesses mais amplos e manifestos do capital, no caso em questão as formas de exploração do trabalho que se implantam neste espaço de incremento na área de agroindustrialização. Assim como, a pensar nos contornos assimilados pela promessa de emancipação individual, tais quais outras expectativas que se engendram no horizonte de possibilidades para estes jovens trabalhadores. O entrevistado sintetiza:

É como se fosse assim: quando eu me assumi, tomei uma posição. É como se assim, algumas portas se fechassem sabe, talvez não no campo profissional, mas de repente na amizade pra algumas pessoas assim. Elas fecharam a porta pra mim de tal forma, assim, que pra mim

¹⁶ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

conseguir abrir sabe, é muito difícil. Uma barreira tão alta que pra derrubar leva tempo, tem que ter paciência sabe? E assim, às vezes eu até falo, quando tem pessoas [gays] que perguntam, que conversam comigo e tal, e falo assim: olha essa decisão cabe a você. Posso te colocar os prós e contras do que eu passei, mas é uma decisão somente sua. Você que tem que saber o que você quer pra tua vida. Eu só não acho que você deva levar outra vida, querer viver de aparências. Agora se você quer viver publicamente ou de repente só pra algumas pessoas, pros amigos, é talvez você assim, pra quem não quer de repente assim sofrer tanto, não ter de frente uma preparação ou sabe ser assim, mais...¹⁷

O trecho da narração assume uma compreensão política do jogo em questão. É possível, em efeito, relacionar algumas dimensões, entre outras, que brotam desse diálogo. Cumpre destacar diferentes âmbitos dialógicos assumidos pela narrativa em relação a estes. O primeiro confere ao entrevistador um papel de espelho à própria compreensão do caminho que assumiu, validando-se com uma narrativa calcada na interposição imitadora da realidade na qual “é como se fosse assim”. Em segundo momento, a narrativa assume entoada política pautada pela assertiva: “tomei uma posição”. Depois, assistir Márcio relacionando sua experiência individual à de outras pessoas que experimentam o mesmo drama da assunção pública a sua orientação *gay*. Vale finalmente considerar a defesa de sua posição em relação ao “que passei”.

Curiosamente, Márcio, embora talvez se sentindo mais fortalecido pelas decisões que tomara e pelas conquistas que alcançara, não assume sua decisão como um nexu universal a partir do qual outros *gays* devessem assumir o mesmo caminho. Para ele, cabe a cada experiência compreender o jogo das relações e possibilidades que estão em causa. Na prática, a narrativa evidencia com alguma clareza como neste campo das relações de trabalho e em toda sua extensão consciente imbricada ao social, o quanto os valores e sentimentos não são fixos, mas profundamente negociados a partir do conjunto de correlações de forças.

E, talvez, até mais que isso. Que no caso em evidência, a posição de Márcio não se assegura num suposto sentimento transversal marcado por suposta maior visibilidade e aceitação *gay* no Brasil nos tempos que correm. Muito menos, então, uma desdenhosa consciência das condições concretas de competitividade marcadas pelas novas relações de trabalho que se constituíam em seu meio.

Ao trazer para o centro da discussão uma suposta dúvida trazida pelo outro colega de trabalho, também *gay*, quanto à assunção de sua orientação, o relato revigora nossa percepção quanto à vitalidade social presente na

¹⁷ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

narrativa individual marcada na experiência intrincada por relações de alteridade:

Quando eu entrei [empresa omitida] assim, acho tava nuns três meses assim que eu, que eu cheguei à conclusão que eu tinha dois caminhos pra seguir: ou eu assumia e vamos em frente ou eu ia tentar fazer como muitas pessoas fazem, como muitos homens que eu conheço. É tentar viver um mundo, uma vida de aparência. O que seria conveniente você arrumar uma namorada, só que não estaria sendo feliz. Eu sempre falo pras minhas amigas: gente eu não seria capaz de fazer isso comigo, eu não seria feliz viver uma coisa que não é pra mim. Eu tenho que viver o que tenho vontade, a vida é uma só. Eu não posso ficar vivendo uma vida pra tentar agradar os outros e deixar a minha felicidade. Felicidade também tem parte da gente, você tem que fazer tua felicidade, você que escreve a tua história, só depende de você. E assim, quando eu assumi lá [empresa omitida] pras pessoas... E assim, rapidamente, numa proporção muito grande, a notícia correu. E assim foi uma fase muito difícil da minha vida porque eu fui muito discriminado pelos homens. As pessoas se afastavam muito de mim, os homens assim, que não tinham um entendimento e que não sabiam de repente conviver com uma pessoa assim. Até então, naquele tempo tinha poucas pessoas que tinham essa coragem de chegar e assumir a tua orientação sem medo de qualquer coisa.¹⁸

Márcio, neste sentido, pensa sua existência e ação como um todo no social em que participa, avaliando também o sentido de sua ação:

Com o passar do tempo eu mostrei, acredito eu, pras pessoas que o fato de você ser homossexual não diferencia você de uma pessoa. Você é igual a todo mundo, o que diferencia é só esse desejo que a gente tem. Esse modo de vida. Mais na sociedade você pode exercer a sua função, outra pessoa normal sem nenhuma dificuldade. E muitos, na verdade, são as pessoas com as quais você convive que tem dificuldade de te aceitar hoje, de conviver com as pessoas assim. É uma forma diferente de estar pensando, de pensar.¹⁹

A partir de sua “forma diferente de estar pensando”, o enredo narrativo de Márcio permite discutir uma trama social envolvida ao processo de assunção da alteridade gay naquele meio. Exemplo disso é a menção a um colega de trabalho, que ele elege para representar a dinamicidade das tensões existentes no chão da empresa e além dele:

¹⁸ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

¹⁹ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

Não, eu não sei onde é que ele [colega de trabalho] mora. Ele trabalha [empresa omitida] também. Eu até fiquei bravo com ele. Teve um dia, um período que eu fui trabalhar no outro turno. Daí ele tava lá trabalhando e tal e eu fui pra conversar com ele. Daí eu peguei eu me senti na liberdade de falar isso pra ele. Daí conversa vai, conversa vem, e daí eu falei assim: olha, eu admiro muito as pessoas como nós que assumem a sua sexualidade. Daí ele parou e olhou pra mim. Assumir o quê? Daí eu falei a ser gay. E ele: mas eu não sou gay! Aquilo eu fiquei tão sem graça. Eu fiquei tão constrangido, que eu... Eu não sabia nem o que falar. Eu fiquei vermelho. Eu perdi a fala. Eu... (risos).²⁰

Em questão, Márcio colocou muito mais do que a decepção com o colega de trabalho que não demarcou vivenciar do mesmo modo a situação de experiência pública da homossexualidade. Tal prática de diálogo propugnado pela sua “transparência”, evocada por um sentimento de pertença pareceu não ser a tônica de todas as experiências *gays*. Tanto é que o levou a “ficar vermelho” em sua fisionomia diante da surpresa. Nesse intercurso, Márcio desvendou para esta análise outras dimensões dessa dificuldade de lidar com a alteridade *gay* na vida societária, não sendo essa exclusiva ao público homossexual:

Assim, em relação aqui na cidade, aqui onde eu moro, ainda não sei de repente, não vou dizer que é falta de tempo ou não. Porque sempre acaba sobrando um tempinho, mas acredito que eu não fiz novas amizades aqui na cidade com as pessoas do meio [gay]. Acaba que eu conheço outras pessoas mais fora, de outras cidades através de amigos, de amigas, tal. Que a gente vai se conhecendo e acaba estabelecendo algum vínculo de amizade. Mas com as pessoas daqui [Assis Chateaubriand], que nem eu te expliquei já a vez passada [primeira entrevista gravada em 2007], que eu não tenho muitas amizades na cidade. Tenho poucas amizades e assim essas pessoas daqui da cidade, as que eu conheci, eu posso dizer não tive muita felicidade assim em conhecê-las porque eram pessoas que não vieram a somar na minha vida, não vieram agregar sabe uma coisa legal. Não...²¹

A solidão parece contada como um sentimento poderosamente atuante quando se refere a sua vida em Assis Chateaubriand. Em outros termos, Márcio infere ter encontrando uma cidade não tão acolhedora assim. Para se divertir entre os pares, precisa ir “lá em Cascavel. Não sei se você sabe tem uma boate LGBT e a gente acostuma sempre ir pra lá. Todo sábado que dá pra gente ir a gente vai pra lá”.²²

²⁰ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

²¹ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

²² Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

A amiga lésbica e Márcio compartilham esse significado de solidão: “até assim eu sempre falo pra ela brincando que eu não gosto de sair aqui em Assis porque eu não me sinto... Em partes eu não me sinto à vontade quando saio em... Das pessoas, dos jovens, dos *points*”. Cascavel, que é uma cidade maior, com mais de 250 mil moradores, localizada a pouco mais de 80 km de onde vive, tem centralizado a atenção de muitos jovens *gays* pela existência de espaços de maior sociabilidade para o público LGBT.²³ Embora não sendo isso uma regra, pois muitos jovens entrevistados não trilham esse mesmo caminho.

O deslocamento para a cidade Cascavel nos finais de semana assume assim outros sentidos:

Só que de repente indo lá eu sinto uma maior liberdade pra você conhecer as pessoas, pra você realmente ser quem você é. Você poder agir como você. Você poder se divertir, sem de repente... Não é uma questão de você despertar a atenção, mas numa questão de você ser julgado, de você...²⁴

Para Márcio, a danceteria LGBT, É um local assim que não sai briga. É um local assim gostoso pra você dançar, pra você ouvir uma música, pra você conhecer gente. E, assim, por ser a mais próxima aqui da região, então todas as pessoas assim do meio [gay] vão pra lá. Então acaba sendo um local de encontros. Então de repente não sai somente pra...²⁵

É possível afirmar com alguma segurança que tais experiências, por mais que sejam narradas buscando marcar com fidelidade os sentidos sociais de crueldade e violência vividos por ele e compartilhados por outros jovens homossexuais, não retiraram de Márcio a energia de seu propósito de realização pessoal. Pois, durante a realização da segunda entrevista, em julho de 2009, já traçava horizontes para seu futuro:

Então, eu estou vendo pra começar voltar a estudar. O ano que vem agora, no começo do ano, agora instalou lá em [cidade omitida] uma faculdade à distância que é uma vez por semana. Daí a minha chefe veio conversar comigo me falando, me apoiando e que ela ia me liberar pra mim poder ir uma vez por semana pra assistir as aulas. E eu estou bem empolgado pra poder, pra começar a estudar. Então vai ser alguma coisa. Daí é bem na área o curso é gestão de processo industrial. E daí eu estou bem empolgado pra começar a fazer.²⁶

²³ Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.

²⁴ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

²⁵ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

²⁶ Laverdi, Entrevista com Márcio, 2009.

Fazer uma faculdade à distância ou na área de interesse ou atuação da empresa pode soar, à primeira vista, como uma flácida assimilação ao mundo da precariedade e à internalização da dominação levada a efeito. Todavia, a partir do tecido tramado pela experiência compartilhada por Márcio em suas duas entrevistas, cabe pensar com maior profundidade quanto aos sentidos implícitos de quebra de paradigmas que sua trajetória imprime neste lugar.

Do campo à cidade, da cidade ao trabalho, de uma cidade a outra, o relato de Márcio mostrou-se construção narrativa consciente e atenta ao campo de escolhas e determinações moldadas pelas situações concretas como protagonista de sua própria história em tensão com preconceito e opressão vividos. Por sua vez, dribladas por uma coragem existencial toda particular. Em grande parte detentora de força negociadora compreensiva muito evidente.

A partir desses universos sociais trazidos à cena reflexiva, viabilizados pela história oral, não podemos, e muito menos devemos, falar de um mundo *gay* já constituído e cristalizado. Muito menos de que a agroindustrialização foi conhecida totalmente em seus interesses e práticas de domínio e concentração de riqueza. Todavia, como buscamos destacar nessa discussão, a história oral assume não apenas papel metodológico de reflexão, mas o de norte desafiador para testar nossa capacidade interpretativa de compreender o mundo em suas relações, entre e a partir do universo individual para o social, tal como tanto propugnou Raymond Williams.²⁷

O caminho que buscamos trilhar neste texto permitiu, pelo menos em parte, entender e ultrapassar algumas armadilhas da discursividade sobre agroindustrialização como um dos sentidos em disputa naquele meio, de modo a dar conta da concreticidade pulsante da alteridade *gay* que também está presente. Ainda que ela não se dê de forma majoritária, no espaço dessa planta industrial e noutras relações e espaços de trabalho.

Temos alguma clareza ainda para dizer, entretanto, que não penetramos em todos os campos e sentidos dessa experiência social. Em parte porque, embora desejemos apreender sua totalidade, ela nos escapa pela nossa incapacidade de nos colocar no lugar de pertencimento do outro. Noutra parte, porque nosso próprio entrevistado, cioso de seu mundo, compreendedor que é das mazelas da ignorância humana, revelou-nos apenas o que “acredito que o que eu queria passar pra você foi de acordo com que você foi fazendo suas perguntas. É claro que eu não consegui passar tudo de mim.” Nestes termos, como é da própria compreensão de Márcio, e nossa própria também, o que foi dito é o resultado de uma relação “conforme você foi fazendo as perguntas”. O que nos acalanta nesse processo, com insuspeita força de significação, é que “mas, alguma parte de mim acho que eu consegui passar com essa conversa”.

²⁷ Raymond Williams, *La larga revolución* (Buenos Aires: Nueva Visión, 2003).